

---

DUARTE, Adriane da Silva. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2000. 308 p. (apoio: FAPESP).

---

Finalmente temos em mãos um livro que traz um estudo completo e esclarecedor sobre a obra de Aristófanes, o maior comediógrafo grego da antigüidade. Somente onze das mais de quarenta peças por ele escritas chegaram aos nossos dias. Assim mesmo, a leitura dessas comédias sempre foi superficial em nosso meio, ou se limitou ao estudo de uma peça em particular ou de um aspecto mais restrito na obra completa. Até mesmo, dentre os estudos que temos em outras línguas, poucos atingem a profundidade da leitura de Aristófanes que faz Adriane da Silva Duarte nesse seu trabalho. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes* – originalmente apresentada como tese de Doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1998 – tem como objetivo “estudar a parábase e sua evolução, formal e temática, nas peças de Aristófanes bem como os motivos que levaram ao seu desaparecimento no final do séc. V a.C.”, na explicação da própria autora (p.13). A parábase é o núcleo temático das peças, em que os temas são rediscutidos sob o ponto de vista do coro e do poeta. “Constitui, portanto, um ponto de encontro entre ele, o coro e os espectadores, aos quais se dirige”(p. 13). A parábase (do verbo *parabaíno*, “avançar”) é um interlúdio coral, localizado no meio da peça, que, de qualquer maneira, quebrava a ilusão dramática, pois o coro, nesse momento, despedia-se dos atores, que saíam de cena, e retirava a máscara típica de sua caracterização, para, então, dirigir-se diretamente ao público e falar em nome do poeta, admoestando os cida-

dãos, elogiando-se a si mesmo e a sua obra e pedindo, enfim, o primeiro prêmio no concurso teatral cômico.

Muitos estudiosos simplesmente ignoram a parábase ou a tratam apenas como um intervalo que representa o tempo decorrido para a exibição das conseqüências das ações da primeira parte da peça. O trabalho, que nos traz a professora Adriane, resgata, sem dúvida, o grande valor da parábase para o entendimento real da mensagem do poeta, que trabalha sob diversas máscaras, mas que, na parábase, promove uma harmonia dessas mesmas vozes.

A autora faz, na introdução, todo o esboço de seu trabalho, expondo o método utilizado no estudo das peças dentro da coerência temática, da semelhança das parábases, não perdendo, contudo, a ordem cronológica em que foram encenadas. Assim, ela elaborou seis capítulos com a seguinte divisão: o primeiro, “Eu falo, tu ouves, ele escreve: uma introdução à parábase aristofânica”, é de natureza introdutória; nele há, além da apresentação do tema e do *corpus* estudado, a definição do objeto, incluindo ainda uma revisão crítica da bibliografia específica, que estabelece afinidades e particularidades entre sua abordagem e as anteriores a ela. No segundo capítulo, “Um mestre dos disfarces: o poeta-personagem em *Os acarnenses*”, Adriane afirma que, embora as primeiras peças apresentem parábases semelhantes na estrutura e no tema, ela considerou conveniente analisar *Os acarnenses* (425 a.C.) de forma isolada, por seu caráter inaugural a tornar modelar para o tratamento das demais e o seu estudo requerer explicações de ordem metodológica. O terceiro capítulo, “A voz do dono”, é onde são apresentadas as comédias *Os cavaleiros* (424 a.C.), *As vespas* (422 a.C.) e *A paz* (421 a.C.). Nessas peças há uma uniformidade, identificando-se o poeta-personagem que fala através do corifeu. O comediógrafo é o criador dessa figura do poeta sábio, conselheiro da cidade, o que parece

ser uma herança da poesia lírica. O quarto capítulo, “O poeta perdido entre nuvens e aves”, estuda, exatamente, *As nuvens* e *As aves* (414 a.C.). Embora a representação de *As nuvens* date de 423 a.C. (entre *Os cavaleiros* e *As vespas*), a sua parábase foi revisada pelo comediógrafo e pode ser datada entre os anos de 420 e 417 a.C. Nessa fase, há os primeiros indícios de crise na voz autoral. Os anapestos (parte principal da parábase) de *As nuvens* é totalmente na primeira pessoa do singular, dando maior voz ao poeta, como numa despedida dessa voz, enquanto que, em *As aves*, essa mesma voz desaparece, sendo então apenas a voz do coro de pássaros que se ouve. A autora explica que a autoridade do poeta como conselheiro “está abalada pela emergência de novos sábios na cidade, como os filósofos, por exemplo, e pela disseminação da escrita, responsável por alterações no processo de composição” (p.10). Ela nos adverte, no entanto, que essa mudança favorece muito a coesão estrutural do enredo, atenuando a ruptura da ilusão dramática e dando maior articulação entre as diversas seções das peças. No quinto capítulo, “O dono da voz”, as peças em destaque são: *Lisístrata* (411 a.C.), *As mulheres que celebram as Tesmofórias* (411 a.C.) e *As rãs* (405 a.C.). A autora discute o impacto causado pela supressão da voz autoral sobre a parábase, que antes tinha uma estrutura formal uniforme, e passa, agora, por um período experimental, adotando um tom agonístico ou o desmembramento dos anapestos (longa passagem recitada somente pelo corifeu, que emprega, de preferência, mas não exclusivamente, o tetrâmetro anapéstico – pé formado de duas sílabas breves e uma longa, v. p. 35) e da sizígia epirremática (“estrutura em que se alternam passagens cantadas e recitadas, simetricamente duplicadas” p. 35). Há, assim, o fortalecimento da caracterização coral, integrando mais a parábase ao enredo da peça e atenuando a suspensão da ação dramática, também na re-

dução da sua duração. Nenhuma dessas peças apresenta parábase completa ou uma segunda parábase, como ocorria até *As aves*. No sexto e último capítulo, “Concerto afônico”, destacam-se as peças *Assembléia de mulheres* (392 a.C.) e *Pluto* (388 a.C.). Há, nessa fase, o desaparecimento da parábase, pois já se faz a transição para a comédia intermediária. Há também o incremento do diálogo em detrimento da lírica coral, uniformização da linguagem e concentração no universo doméstico. Nesse capítulo, investigam-se os fatores que calaram a voz do coro e que, assim, foram determinantes para o fim da parábase. A autora cita, dentre esses fatores, os seguintes: o crescimento de um mercado internacional para o drama ático, a influência da tragédia de Eurípides e Agatão na consolidação de novos padrões estéticos e, talvez, o reflexo de uma certa apatia dos cidadãos numa Atenas não mais gloriosa como no passado.

O trabalho se completa com as traduções das parábases de Aristófanes, das quais apenas a de *As rãs* não foi feita por Adriane, acrescidas de notas esclarecedoras com referência a personalidades ou fatos da história de Atenas. Nota-se que a preocupação didática da autora é de permitir aos leitores uma análise mais completa da parábase aristofânica. Ao ler essa obra da professora Adriane tem-se a impressão de se estar na sala de aula ouvindo suas explicações sempre muito claras e precisas. Esse livro torna-se fundamental para qualquer um que tenha interesse em compreender adequadamente Aristófanes.

ANA MARIA CÉSAR POMPEU  
Curso de Letras, Centro  
de Humanidades  
Universidade Federal do Ceará